

História

Nova leitura

A história de Sumaré está sendo contestada

Soraya Agége de Carvalho

O historiador Francisco Antônio de Toledo, responsável pelo Centro de Memória e presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico (Condephaea) de Sumaré, apurou, depois de três anos de pesquisa, que Sumaré não surgiu em 1868 — como registra seu escudo e reproduzem as escolas locais, mas somente sete ou até 20 anos depois. Esta descoberta originou toda uma tese do desenvolvimento de Sumaré, apresentada por ele no livro "Uma História de Sumaré", que a Prefeitura local deve lançar até o final do ano. Assim, a história do município é contestada.

Até hoje, só há um livro que respalda a atual versão oficial da história em Sumaré. Os autores, Ulisses Pedroni e Benedito de Assis Araújo, fizeram seu lançamento dois anos antes de a Prefeitura comemorar o contestado centenário da cidade, em 1968. Eles se basearam mais em entrevistas com moradores antigos que em documentos. "Não estou desprezando o resgate histórico deles. Mas acredito que fiz uma apuração científica. E mais dados poderão ser levantados futuramente, até por outros historiadores", avalia. Toledo percorreu cartórios, câmaras municipais, igrejas,

prefeituras e outros arquivos de Campinas, Monte Mor e Sumaré para reunir a documentação.

O documento mais antigo que o pesquisador encontrou foi uma "carta de sesmarias", doando grande parte da área onde Sumaré se desenvolveu, em 20 de abril de 1799, a quatro moradores da então Vila de São Carlos — que se transformou na Campinas atual. "Destes tempos, não conseguimos apurar nem se haviam índios nesta região", lembra o historiador. Outras duas "cartas de sesmarias" remontam a região atual. Nos anos seguintes a 1799, as terras foram transformadas em latifúndios e fazendas, até 1875, quando o forte da região era a exportação de café. Até esse ano, não há registros de residências ou comércio em Sumaré.

Foi em 1875 que os fazendeiros da região — principalmente de Rio Claro e Monte Mor — se cotizaram para estender a estrada de ferro da Companhia Paulista (com estação inaugurada em Campinas em 1872) — o que reduziria seus custos com o transporte da produção, feito em lombo de burros, em mais de 30%. A linha se estendeu até a então São João do Rio Claro.

Mas os fazendeiros da Vila de Monte Mor e outros povoados da região precisavam de uma estação

mais próxima. E era pela atual Sumaré que passavam as principais vias de acesso. Foi assim que, em 1875, ficou concluída a Estação Rebouças. O nome foi escolhido em homenagem ao engenheiro Antônio Pereira Rebouças Filho, um negro formado na França e que morreu com tifo, durante a construção, segundo Toledo. Ele conta que não encontrou qualquer referência de construções urbanas antes dessa época.

Com a inauguração da Estação Rebouças, em 1875, surgiu o povoado de Rebouças em seu redor. Os primeiros registros encontrados são de 1878. O pesquisador lembra que o referencial que norteia a história da maioria das cidades brasileiras são as construções das capelas. Pelos arquivos da Curia de Campinas, a primeira capela da antiga Rebouças foi inaugurada em 1888.

Assim, o surgimento da atual Sumaré só pode ter acontecido entre 1875 e 1878, a partir da "Rua da Estação". Mas o povoado pode ter iniciado seu desenvolvimento 20 anos depois, com a chegada da igreja e dos primeiros moradores. "Espero que esta polémica faça as pessoas se interessarem a estudar o assunto, para conseguirmos um resgate completo da história", avalia Toledo.



Sidney Pitoco

A cidade, que cresceu de forma geométrica, pode encontrar no futuro o caminho da tranquilidade de uma cidade interiorana

Sidney Pitoco

Se depender de futurologia, município volta a ser pequeno

Sumaré pode voltar a ser uma pequena cidade, sem importância vital para a região. A emancipação de Hortolândia, que extrai 60% da arrecadação do município, tende a ser a Veneza, que mantém as indústrias e a vida econômica, a

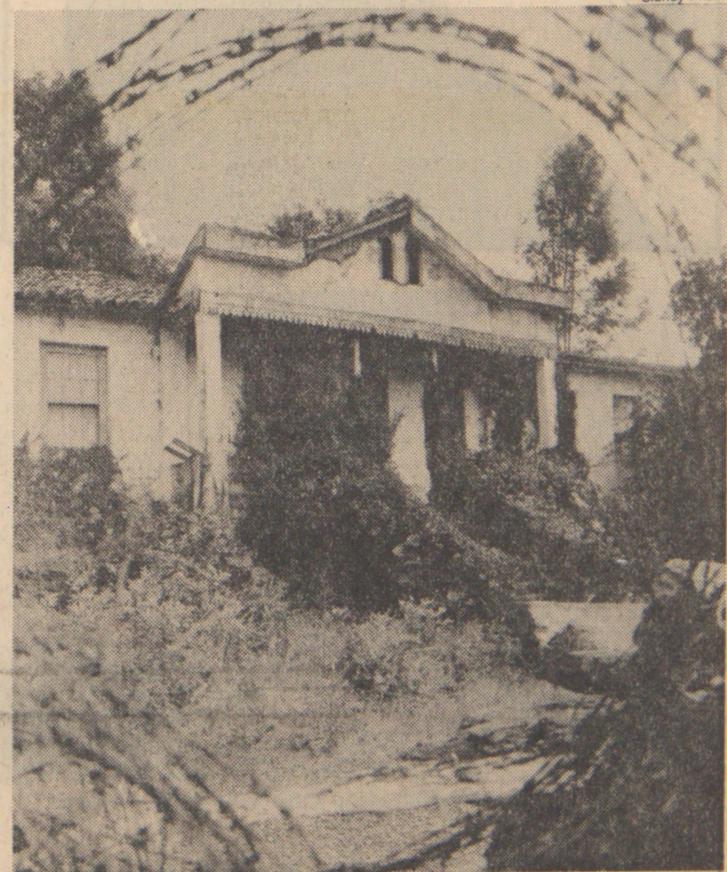


Sidney Pitoco

Francisco Antônio de Toledo é responsável pela pesquisa sobre a história de Sumaré

regulares e sua qualidade de vida caiu", conta Toledo. Em 1980, a cidade já reunia, de 23 mil pelo censo de 70, 101 mil habitantes (cresceu mais de quatro vezes em dez anos), a maioria migrantes de outras cidades do interior paulista, de Minas Gerais e do Paraná. E assim, Sumaré chegou a 1991 com 226 mil moradores, "a maioria deslocada socialmente, sem vínculos com a cidade", avalia.

Para Toledo, é mais fácil definir a situação pelo campo da sociologia. "Este processo de crescimento, feito aos saltos, provoca o aumento da violência, da criminalidade, o desapego à cidade e até a passividade coletiva", considera. Toledo acredita que a qualidade de vida só pode melhorar a partir da vinculação social com a terra. E conta que sua contribuição, para uma possível melhoria, é o livro que está concluindo. "Minha idéia é fazer com que, através dele, algumas pessoas descubram seus vínculos com a cidade e melhorem a sua relação com ela", explica. Ele considera também que sua análise histórica pode ser alterada pela dinâmica política. "O curso da situação dependerá muito dos prefeitos e dos rumos que eles determinarem".



Um casarão é a marca do passado

Os moradores de Sumaré guardaram poucos marcos históricos. Do início da cidade ficou apenas um casarão de fazenda — hoje cercado por bairros residenciais — construído em 1878 e em processo de tombamento pelo Condephae. O que seria a maior referência histórica da cidade, remontando surgimento do vilarejo de Rebouças, pela estação ferroviária, foi destruído. A primeira estação da Companhia Paulista deu lugar a outra, em 1916. Na opinião do pesquisador Francisco Antônio de Toledo, também presidente do Condephae, esse prédio ainda pode representar o maior referencial histórico de Sumaré, embora a maior parte de seu envoltório já tenha sido destruído. Ele tenta conseguir o tombamento do prédio e acredita que poderá conseguir, graças à documentação reunida no livro "Uma História de Sumaré".